

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XII, Nº 02 – 2008, FEVEREIRO

Assinatura até Dezembro de 2008: 10 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se também com obras mestras de Contos e Poesias!  
www.haiku.sf.nom.br

Déspota: mira aquí cómo tu ciego aureolo ansioso contra ti conspira: mira tu afán y tu impotencia, y luego ese cadáver que venciste mira, ¡Para el que muere que murió con un himno en la garganta, a tu furor impío que entre tus brazos mutilado expira el cielo se abre, y en brazos de la gloria se levanta! el mundo se dilata! No vacile tu mano vengadora; el mundo se dilata!

no te pare el que gime ni el que llora:  
José Julián Martí 1853-1895, Poemas escritos en España  
José Martí Poesía Completa, Tomo II,  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

<p>Meu coração é a mais abandonada catedral que já vi... Não tem cristais... Hoje, ninguém a vê toda enfeitada das flores que há nas outras catedrais...</p> <p>Os altares são tristes... Não têm nada... nem lustres, nem imagens, nem missais... Apenas, na alva torre desprezada, os sinos lembram velhos madrigais...</p> <p>No entanto... outrora, quantos esplendores, quantas loas de amor, quantos louvores para Nossa Senhora da Ilusão.</p> <p>– Santa que me deixou na desventura, para fazer milagres de ternura na catedral de um outro coração!</p> <p>Vasco de Castro Lima, Catedral</p>	<p>Estou sinceramente envaidecida porque trilhei caminhos diferentes do posto, do seguro, na avenida dos áulicos desejos promitentes.</p> <p>Deixo o porto-seguro ao prometido para buscar as prédicas do arcano. Regresso com o meu corpo tão ferido sem contudo entregar-me ao ato insano.</p> <p>Muito abatida volto ao meu contexto, mais alertada, mais madurecida, e altero muitas linhas do meu texto.</p> <p>Obrigada por versos e por flores: você enriqueceu-me, sim, a vida, até mesmo de prantos e de dores.</p> <p>Magda Lugon, Gratidão</p>	<p>– Há madrugada no teu coração? As ilusões o aquecem o bastante, para confiar que o sol mais cintilante tapetará com brilhos o teu chão?</p> <p>Ou é o entardecer a bruxuleante chama guiando-te à meditação? Gerando-te incertezas, e distante o sol? Não mais fulgente o seu clarão?</p> <p>Será o anoitecer teu companheiro sempre presente? E o sol, só uma saudade? E frio o teu caminho, o dia inteiro?</p> <p>Dizes: – É anoitecer... é frialdade... Porém, quem sabe, um dia, um mensageiro dar-me-á o sol? Ainda, que metade...</p> <p>Leonilda Hilgenberg Justus, Como é o teu sol?</p>
<p>Fanal 9412</p> <p>Rua Álvares Machado 22, 1º, 01501-030 – São Paulo, SP – Fone/Fax (011) 6202-0193</p>		

<p>Aquele olhar triste e ardente que na partida me deste, foi muito mais eloqüente que as palavras que disseste.</p> <p>Conceição A. C. de Assis, 0801 Trovaregre, Caixa Postal 181 37550-000 – Pouso Alegre, MG</p>	<p>Não importa a tua idade, tua cor ou tua crença, importa a tua amizade. Que faz toda a diferença.</p> <p>Doroni Hilgenberg, 0712 Jornal Maringaense: Av. Vital Brasil 388 87035-220 – Maringá, PR</p>	<p>Se imagino a tua vinda, a minha alma canta e ri – Quem te fez assim tão linda? – Quem me fez gostar de ti?</p> <p>Humberto Del Maestro, 0801 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-000 – Caucaia, CE</p>	<p>Passarinho engaiolado, quando canta, é só de dor; que bom, se o castigo dado fosse o mesmo ao caçador.</p> <p>Lacerda Júnior, 9412 Fanal Rua Álvares Machado 22, 1º, 01501-030 – São Paulo, SP</p>	<p>Quando o orgulho sobe ao pódio e a humildade desce ao fundo, basta uma centelha de ódio para incendiar o mundo.</p> <p>José Pereira de Albuquerque, 0711 Binóculo: Rua C. Vasconcelos 3100 Ap.602: 60115-171 – Fortaleza, CE</p>	<p>Louvo essas mãos calejadas, que, sem escola e instrução, aprenderam, com as enxadas, todo o alfabeto do chão...</p> <p>P. de Petrus, 0711 O Ubeteano Caixa Postal 448 14001-970 – Ribeirão Preto, SP</p>
--	---	--	---	---	---

<p>Confetes caindo sobre meus cabelos negros multicoloridos.</p> <p>Clicie Pontes</p>	<p>Um cúmulo-nimbo lá no horizonte do oceano: só um barco à vela.</p> <p>H. Masuda, Goga</p>	<p>Pelo tronco desce um batalhão de formigas, ostentando as flâmulas...</p> <p>H. Masuda, Goga</p>	<p>Tantas mariposas vêm roubar único lume da minha cabana.</p> <p>H. Masuda, Goga</p>	<p>Secando o quintal... Uma nova tempestade? – chuva de içás!</p> <p>Teruko Oda</p>	<p>Janelas abertas traz o vento, uma visita: negra mariposa.</p> <p>Teruko Oda</p>	<p>No meio da noite o pernilongo me acordado disposto a morrer.</p> <p>Teruko Oda</p>
<p>H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996</p>						

## TEMAS DA SAZÃO VERÃO – QUIDAIS DE VERÃO

<p>A bica escorre entre os dedos a água. Mal chega à boca.</p> <p>Amauri do Amaral Campos</p>	<p>Quarta-feira triste, o silêncio invade a rua. Confetes no chão.</p> <p>Argemira F. Marcondes</p>	<p>No meio da praça vendedor de picolé. Bando de crianças.</p> <p>Cecy Tupinambá Ulhôa</p>	<p>No fogão à lenha da família, no cerrado: pequi na panela.</p> <p>Irai Verdan</p>	<p>Ao longo da praia, a espaços, águas-vivas, sobre a areia.</p> <p>Manoel F. Menendez</p>	<p>Brisa perfumada toma conta do casebre. Pequi maturado.</p> <p>Roberto Resende Vilela</p>	<p>Altas alamedas amarela a calçada. Uma clara manhã.</p> <p>Sérgio Francisco Pichorim</p>
---	---	--	---	--	---	--



## HAICUS EM FOLHA

<p>No final da tarde canícula se dissolve, frescor se espalhando.</p> <p>F Alba Christina</p>	<p>Dança, sapateado... Explode o maracatu, ao som das cuicas!</p> <p>P Amália Marie Gerda</p>	<p>A canícula ferve o quintal. Estalam sementes.</p> <p>F Amauri do Amaral Campos</p>	<p>Por entre as folhas berinjelas escondidas. Horta da vovó.</p> <p>J Amauri do Amaral Campos</p>	<p>Calunga à frente, rompe o maracatu com seus tambores.</p> <p>P Amauri do Amaral Campos</p>	<p>Pratos esperando. Berinjela refogada no fogão à lenha.</p> <p>B Analice Feitoza de Lima</p>	<p>Magricelas vacas. E a canícula acabando com o capim do pasto.</p> <p>F Analice Feitoza de Lima</p>
<p>Suor respingando. E pela avenida afora só maracatu.</p> <p>P Analice Feitoza de Lima</p>	<p>Rei. Rainha. Corte. Maracatu nordestino anima a cidade.</p> <p>A Angelica Villela Santos</p>	<p>Flores agonizam crestadas pela canícula. Jardim-cemitério.</p> <p>P Angelica Villela Santos</p>	<p>Pessoas dançando no terreirão da fazenda o maracatu.</p> <p>B Argemira F. Marcondes</p>	<p>É hora do almoço. Sobre a mesa, fumegante, berinjela ao forno.</p> <p>P Argemira F. Marcondes</p>	<p>Percussão nas ruas... Ao som do maracatu requebra a calunga.</p> <p>B Darly O. Barros</p>	<p>À espera do almoço, freguesia devora pão com berinjela...</p> <p>J Darly O. Barros</p>
<p>Atmosfera em chamas, sob o efeito da canícula. Inferno na Terra.</p> <p>P Darly O. Barros</p>	<p>Duas da tarde. Na canícula do dia, cão dorme na sombra.</p> <p>B Denise Cataldi</p>	<p>Sorriso nos lábios, vovó não resiste e dança o maracatu.</p> <p>J Djaldá Winter Santos</p>	<p>No banco da praça vovó apanhando sol resiste a canícula.</p> <p>J Djaldá Winter Santos</p>	<p>Bandeja no forno. Berinjela com presunto dá água na boca.</p> <p>P Djaldá Winter Santos</p>	<p>Encimando em dança bambu do maracatu a calunga avança.</p> <p>X Fernando L. A. Soares</p>	<p>Em plena canícula, embrenham-se pela mata. Ar puro e fresco.</p> <p>F Flávio Ferreira da Silva</p>
<p>O povo chegando integrando e acompanhando o maracatu.</p> <p>P Manoel F. Menendez</p>	<p>Jovens lá na praça, dançando maracatu ao som da viola.</p> <p>X Mª Marlene N. T. Pinto</p>	<p>Coroas de lata mantos rubros de veludo. Maracatu reina.</p> <p>B Maria Mello</p>	<p>Povo reunido espera o maracatu. Sertão do Nordeste.</p> <p>J Renata Paccola</p>	<p>Várias berinjelas espalhadas pela grama. Negro sobre o verde.</p> <p>J Renata Paccola</p>	<p>Festa em Juazeiro. Passa agitado o cortejo de maracatu.</p> <p>X Roberto Resende Vilela</p>	<p>Canícula atroz, hora da sagrada sesta, sombra e água fresca!</p> <p>X Shinobo Saiki</p>

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 29.02.08, quigos à escolha: Grilo, Nevoaça, Paineira.  
Remeter até 30.03.08, quigos à escolha: Cascata Seca, Dia da Marinha, Gripe.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

ou  
mfmenendez@superig.com.br

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos.*

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinónimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À MODA OCIDENTAL, TREVOS PERSONAGEM E OUTROS

Santos e Lorena, vou descansando em São Paulo. Férias de verão! Agostinho J. G. de Souza	Como um sol no ocaso, amarelado e vermelho, pêssego maduro. Amália Marie Gerda	Árvore bendita, dá sombra e alimento. Pequi no cerrado. Cecy Tupinambá Ulhôa	Queixo com sumo; cara de quem engoliu não só a melancia. Denise Cataldi	O bicho-preguiça anda bem devagarzinho, não tem pressa, mesmo. Djalda Winter Santos	Adeus, Carnaval! Confetes forrando a sala... saudead em pedaços... Elen de Novais Felix	Remexe o baú: — lá no fundo, serpentinhas. Velhos carnavais. Flávio Ferreira da Silva
Gatos no sofá. Menina matando danosa pulga. Flávio Velasco	Quando a mosca azul eu vejo, fico lembrando Machado de Assis. Jorge Picanço Siqueira	Sítio em Itaquera origami em árvores pêssegos cobertos. Maíra Kawauchi Weiers	Melancia cai da sacola da freguesa. É muito pesada. Mª Marlene N. Teixeira Pinto	Rainha-da-noite, personagem de Mozart. Também flor-da-noite. Nadyr Leme Ganzert	Há uma carta no caminho hum... perfume gardênia confessando o amor. Rosângela Aliberti	Pequis no caminho peregrino esfomeado — medo de comer. Sívio Gargano Júnior

Jorra o tempo como arroio, dia e noite, a qualquer hora; surge a morte num comboio, chama a gente e leva embora.	Com teu calor tu me abrasas e me fazes remoçar, que um passarinho sem asas ainda consegue cantar.	Busco a verdade dos loucos, dos justos e dos ateus. E nesse caminho, aos poucos, sinto estar perto de Deus.	Quem poliu tão bem a lua? Que pôs tanta luz no sol? Quem fez essa graça tua transformar-me em arrebol?	Coração possui a graça, que eu não sei como dizer, de ser rei em qualquer raça, e jamaís envelhecer.	Atirei no meu relógio tentando o tempo sustar. Não saiu no necrológio nem consegui remoçar.	
Quando um poema é bonito se transforma num festejo. É sagrado como um rito e tão doce como um beijo.	Inverno. É noite lá fora, mas aqui dentro há quentura... Se a chuva na rua chora, entre nós sobra ternura.	Sou apenas um artista de uma visão encantada. Riqueza, fama e conquista pertencem a outra morada.	Turva-se o céu sem imagens, cai a chuva em tom pesado. Gotas correm das ramagens e riachos do telhado.	Saudei meus sonhos divinos (os sonhos feitos pra ti), que entoaram como sinos no momento em que te vi.	Ouço a chuva no telhado nesta noite escura e fria. É melhor ficar calado e escutar a melodia.	
A mulher quando é bonita não precisa se enfeitar. Basta um vestido de chita e já pode desfilar.	Vai partindo muita gente e o que dói é a rapidez. Nessa fila inconseqüente, do que de graça a minha vez.	Humilde, sempre calado, meu amor nunca esqueceu, do carinho esfarrapado que você jamaís lhe deu.	Ficou tudo diferente na cidade onde morei, e nem mais parece gente quem um dia ali foi rei.	Quando o fuzil pro canto e a metralha se calar, o mundo ouvirá um canto de alegria em cada lar.	Este mundo que era idoso desde quando eu fui criança, aos poucos se fez formoso, na luz da minha esperança.	
Capinzal queimado pelo sol e pelo vento... — Quadro de Van Gogh.	Na esquina da rua uma surpresa me aguarda — ipê cor-de-rosa!	Doze horas em ponto. O dia quente convida a um chope gelado.	Na tarde gelada, o capote não atende... — Dose de saquê!	Folhas me acompanham com a rajada de vento — o sol está forte.	Manhã calorenta com muita chuva e surpresas: — trovões e relâmpagos!	Garoa caindo de leve na madrugada. — carnaval movidas.
Leque majestoso na leve aragem da tarde. — Gavião passeia.	Abelhas douradas sobre os cafezais floridos... — Mundo de algodão.	Acordo às seis horas e abro a cortina do quarto... Abraços do sol.	Na manhã chuvosa, uma sonora esperança — cigarras cantando!	Chove intensamente... Uma touceira de evônimos na frente de casa.	Aos toques da vara, despencam laranjas-cravo... — Chão amarelado.	Época de chuvas... Depois que o tempo serena, buracos na pista.

Humberto Del Maestro, Trovas, Haicais e Poemas afins, 2007 — Endereço do Autor: Rua Aurora de Aguiar Ferreira 171, Apto. 702, Jardim Camburi: CEP 29090-310 — Vitória, ES

Entre as folhas do velho livro jaz a pétala, páldia, a paixão, cálida... Intermezzo Aila Magalhães	Por que seguir passos se o destino está na palma da mão? Dúbito Angela Bretas	Na gaiola o pássaro não canta... chora! Triste sina Anº Carlos Lopes Menezes	Do Capibaribe aos encantos do Tejo... em sonho velejo. Navegar é preciso Anº Carlos Lopes Menezes	Entra no carro o homem feito de barro. Orgulho Cauneto, José Aparecido	Menina no colo teu me nino. Aconchejo Dreyf Campano	Oh, belo moreno, olha aqui a loirinha natural! Que tal ampliar a diversidade racial? Cantada diferente Eliana Mora
Num bote salva-vidas, a entoar canções. Não a procurar navios. Mostrava sua loucura Eliana Mora	O líbaro estrelado morreu crivado por balas de kriptosunita. Superman Goulart Gomes	Uma flauta doce toda furada deu nova vida ao bambu. Encanta(dor) Hércio Afonso de Almeida	Sem culpa ou culpados vamos sendo lançados aos erros e errados. Destino? Iza Mota	Por boniteza comprou novos dentes. Na boca doída: angu, feijão, carne moída. Piorréia e paladar Jacques Levin	Palavra (re)presa no peito corre no olho o rio cascata iminente. Salto Lílian Maia	Suor de pedra... A terra não mais luta, apenas chora. Lágrima seca Lorenzo Ferrari
Gerânios enroscam na cortina para espionar Carolina acordando. F(r)esta na janela Marilda Confortin	Há uma ruga a amanhecer no espelho. Rosto Martinho Branco	Registros passados, inapagáveis momentos, partirão conosco. Minutos marcantes Oswaldo Francisco Martins	Do nosso amor restam pétalas colorindo o chão. Quase-morte Pedro Cardoso	Insistem em abrir-se gavetas trancadas, cadeados jogados... Gavetas Regina Lyra	Um sonho passado acorda assustado quer estar ao seu lado. Contato noturno Rosane M. Zanini	De braços abertos me acolhera a solidão. Anfitriã Thomaz Ramalho

Poetrix — Antologia 2 Internacional, Organizador Goulart Gomes: Movimento Internacional Poetrix — MIP, 2007, Caixa Postal 8622: 41857-970 — Salvador, Bahia, BR — Fone (71) 88781965 — www.movimentopoetrix.com

Pão — O pão que o Diabo amassou. Expressão incompreensível pois em nenhum lugar da Bíblia ou da História se diz que o Diabo era padeiro. — Dicionário Irrefletido (Millôr Fernandes, em Veja 30.01.08)

P A U L I C É I A D E S V A I R A D A

Ana Paula Oliveira

Oswald de Andrade, em seu poema Anúncio de São Paulo, assim se referiu à cidade: "Situada num planalto/ 2700 pés acima do mar/ E distando 79 quilômetros do porto de Santos/ Ela é uma glória da América contemporânea." Vinicius de Moraes, em seu Soneto sentimental à cidade de São Paulo, preferiu cantar a noite paulistana: "Não te amo à luz plácida do dia/ Amo-te quando a neblina te transporta/ Nesse momento, amante, abres-me a porta/ E eu te possuo tua e fugidia...Traz saudade de alguma Baviera/ Se a poesia é tua, e em cada mesa/ Há um pecador morrendo de beleza?" Caetano Veloso eternizou Sampa, que se tornou o hino contemporâneo dos imigrantes: "...e quem vem de outro sonho feliz	de cidade/ Aprende depressa a chamar-te de realidade/ Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso...e os Novos Baianos passeiam na tua garoa/ E os Novos Baianos te podem curtir numa boa." São Paulo é poesia plural. Paulicéia desvairada. Ópera coletiva. Concerto polifônico. Revérbero de vozes e visões: de raças, credos e classes. Espelho fragmentário da cidade-passagem na paisagem-mutante. São Paulo é Estação da Luz, Museu da Língua Portuguesa, onde chegaram os imigrantes vindos do porto de Santos com todos os seus sotaques. Pessoas-paisagens. Luzes, néons, corações — as estrelas viram letras, os outdoors viram céu nas curvas do Copan. Pontes, viadutos, marginais. Ruas,	rios, ex-rios, canais. Aqui fugir é uma arte que se pratica quieto, dentro. Crepuscular. São Paulo não é só a nossa Londres das neblinas finas, é a grande deusa pétrea, acelerada pantera, bela e fera. Sobe e desce de gente. Pralapraca de automóveis. Asfalto molhado. Sobre tudo, por causa do frio. Sobre tudo, por causa do charme. Sem mar, sem céu, neblina nas cem mil rosas paulistanas. Um saxofonista tocando Vinicius na Paulista. Flor de farol colhida às pressas. Margaridas do Largo do Arouche. Girassóis do meio-fio. Essa utopia me atravessa. E o café, sangue quente paulistano, vicia.
---	--	--

A C A R I O C A F O I A D E U S A D O P A N

Artur da Távola — Gentileza de Mario Capelluto/www.sergrasan.com

Neste começo de agosto, frio, mas a primavera se aproxima, a carioca foi a heroína anônima desse Pan, maravilhando turistas e TVs de todo o mundo. Faça um prelúdio para as moças da minha Cidade. Ela aparecia em todos os lugares para onde se olhava, rua, jornal ou televisão. A carioca é a mais dengosa das charmosas. Ela possui certa decisão no amor. Sabe o que quer, quando quer e se dedica ao querer. Consegue o milagre da sensualidade com fidelidade, sempre que o amor medie as relações. A carioca segue o conselho do poeta e não "sabe amar sem amor". Ela prefere suscitar a excitar. Sabe ser quindim diante do amor. Tinhosa, jamais deixa de lutar pelo ser amado. Não é de renúncias ou gestos estouvados. Sabe de lentas construções e é capaz de paciência infinita na dedicação ao ser amado. Não é chegada a dar nem receber ordens, mas faz com que saibam de como gosta das coisas. Prefere os que a adivinham, a impor a sua vontade. Cuidado para não ferir uma carioca. Ela perdoa, porém não esquece.	A carioca é uma graça quando diz <i>ciumco</i> em vez de cinco, ou, docemente, coloca um u no meio de doze, dizendo, dengosa, <i>douze</i> . É mais linda ainda depois de fazer amor, que antes. É feminina e insistente. Com doçura, sabe de contramão, de <i>bandalha</i> no trânsito, estaciona em qualquer lugar, principalmente no coração alheio. Ela detesta pessoas barulhentas, briga ou bundão metido a gostoso. Mas aprecia homem firme. Não gosta que nela mandem, mas prefere quem com ela se preocupe. Tem o faro do que dá bronca ou bolo, e prefere evitar a remediar. Gosta de pratos gratinados, muito sol, praia e loja de sucos. Adora cachorros molengos, de olhar bonachão. Entende de: namoro, forma de educar, sanduíche misto, beijos variados, como lidar com irmão brabo e como ficar na sua sem invadir a dos outros. Finge que não liga, mas rompe para sempre com quem a julga sem ouvi-la ou quem se intromete no seu sentimento. Não liga que falem dela, que não alcance o que pretenda, que a ignorem. Sabe que isso é inevitável. Importa-se, aí sim, se invadem as atitudes que	toma por sentimento, ou necessidade, por amor. Mas, como ato de opção: jamais, porque os demais assim o desejam. A carioca conhece o mistério de render-se à natureza de quem ama, para que esta, dócil, depois, lhe obedeça. Detesta pessoas de leva-e-traz, homens ou mulheres furonas da intimidade alheia. Gaba-se de farejar qualquer paquera e sabe sempre a hora de parar. Gosta de chuva, jujuba e olhar pidão. Chora de emoção e de repente. Seu ideal é paz. É de luta sem ser de briga, é guerreira sem ser de guerra; é de luxo sem ser esnobe, mas sabe ser namorada antiga, com ar de seresta ou buquê de flores, companhia de madrugadas, de sanduíches de mortadela ou compra na Rua da Alfândega. Seja onde for, no estilo em que for, a carioca é conivente e solidária, se for por amor. Não force jamais o coração de uma carioca. Essa é a melhor (pior) forma de perdê-la, mesmo porque, até quando se faz dócil e submissa, a carioca só faz o que quer.
--	---	--

Um bom trabalho em xerox colorida, xerox P/B, redução, héliografia, ampliação, autenticações, encadernação, plastificação, serviços de Fax, carimbos, cópias de chaves?  
Assessoria Xerográfica Ind. e Com. Ltda., Rua Venceslau Brás 154, Centro, CEP 01016-000 — São Paulo, SP — Fone/fax (011) 3104-9765 — genésio\_lopes@uol.com.br  
Genésio e Dalva